

A ORDEM PRÓPRIA DA LÍNGUA: UM DESEJO INCONFESSO ¹

Eliane Mara SILVEIRA

RESUMO *Este trabalho busca um olhar sobre a Lingüística, mas um olhar marcado, que se propõe condizente com a formulação teórica da Psicanálise; tratar a ordem própria da língua como um desejo inconfesso é, na verdade, atestar a impossibilidade de simbolização de um real da língua, como o não articulável, o que resiste à simbolização. Tratar dessa impossibilidade relativa ao objeto da Lingüística, significou, de certa forma, problematizar esta área de saber, e abordou questões caras à Lingüística: o seu estatuto de ciência e o status de precursora do Estruturalismo. A Psicanálise, com Lacan, atesta que o real da língua traz um desconforto constituinte, próprio da língua, diante do qual não há solução teórica, porque a língua, conquanto inclua este real que indica uma falta no simbólico, esquiva-se da construção de um sistema que o inclua totalmente. O real atesta, assim, um mal estar na língua. Dessa forma a Lingüística tem seu lugar neste trabalho, enquanto a ciência que se ocupa do objeto que introduz, na nossa perspectiva, uma subversão para a própria ciência, a saber: a língua; e a Psicanálise, como área de saber que possibilita pensar essa subversão.*

ABSTRACT *This study is an attempt to interpret Linguistics, albeit a marked interpretation, from the perspective of the theoretical formulation of Psychoanalysis; to deal with language's own order as a non-confessed desire is, in reality, to affirm that the symbolization of a real of language is impossible; that which is unsayable, which resists symbolization. Dealing with this impossibility within the realm of Linguistics, meant, to a certain extent, to problematize this area of knowledge, and to deal with the essential issues in Linguistics: both as a science and as a precursor of Structuralism. Lacan's reading of Psychoanalysis states that the real of language conveys a constituent discomfort, which is part of language, for which there is no theoretical solution, because language, while including this real that indicates a perforation in the symbolic, avoids the construction of a system that would include it completely. The real is, therefore, an embarrassment to language. Thus, Linguistics has its place in this study, while the science that deals with the object introduces, from our point of view, a*

¹ Texto resultante da Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, no dia 24 de fevereiro de 1997, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Nina Virginia Leite.

subversion to this same science: language and Psychoanalysis, which makes it possible to ponder this subversion.

APRESENTAÇÃO

A questão que iremos tratar, a ordem própria da língua, remete imediatamente ao nome de Saussure, considerado o “pai da Lingüística”, e é tema de várias abordagens; iniciaremos pela questão colocada por Pêcheux². O autor nos aponta a especificidade de uma teoria da língua na Lingüística a partir de Saussure.

Pêcheux nos recorda que, antes de Saussure, as preocupações da Lingüística estavam quase que totalmente voltadas para questões concernentes aos usos sintáticos e semânticos que pudessem auxiliar a responder questões relativas ao sentido do texto. Nesse momento da ciência da linguagem, a preocupação do lingüista é direcionada, na maior parte das vezes, para o estudo do texto colocando questões de natureza variada quanto ao sentido ou quanto à conformação de suas normas; ou seja:

“(…) a ciência clássica da linguagem pretendia ser ao mesmo tempo ciência da expressão e ciência dos meios desta expressão, e o estudo gramatical e semântico era um meio a serviço de um fim, a saber a compreensão do texto; da mesma forma que, no próprio texto; os ‘meios de expressão’ estavam a serviço do fim visado pelo produtor do texto (a saber: fazer-se compreender.)” (Pêcheux; 1969:61)

É preciso recordar o gesto saussuriano que aponta a determinação de um lugar para a ordem própria da língua. Trata-se da, agora, clássica divisão *langue e parole*. Ao introduzir essa diferença entre a língua e a fala, ou seja, uma desnaturalização da homogeneidade entre o que está no plano de uma prática languageira e o que está no plano do funcionamento da língua, Saussure provoca um deslocamento conceitual acerca do objeto da Lingüística.

A Lingüística, então, merecerá aqui uma demarcação explícita: há um *antes de Saussure* e um *depois de Saussure*:

“Ora, o deslocamento conceitual introduzido por Saussure consiste precisamente em separar essa homogeneidade cúmplice entre a prática e a teoria da linguagem: a partir do momento em que a língua deve ser pensada como um *sistema*, deixa de ser compreendida como tendo a função de exprimir sentido; ela torna-se um objeto do qual uma ciência pode descrever o *funcionamento*(...) (*op. cit.*, p.62)

A língua e a fala serão passíveis de um olhar diferenciado; para aquém da fala há a língua que deve ser pensada como um sistema.

² M. Pêcheux “Análise Automática do Discurso (AAD 69)”. In: **Por uma Análise Automática do Discurso**. Gadet, F. & Hak, T. (orgs); Campinas: Ed.da Unicamp; 1990.

Essa diferenciação pode ser entendida como deslocamento na medida em que a língua, apreendida como um sistema e objeto eleito da Lingüística, deixa de ser compreendida como tendo unicamente a função de exprimir sentidos. Esvaziada de sentido a língua torna-se um objeto do qual uma ciência pode descrever o funcionamento.

Assim, torna-se importante circunscrever a especificidade da língua enquanto sistema, isolá-la do conjunto de fenômenos que podem estar implicados numa produção linguageira, de forma que, o que possa ser concernente unicamente ao funcionamento da língua, ou a uma ordem própria da língua, possa então adquirir algum relevo. Este trabalho pretende considerar esta especificidade do objeto da lingüística, mas será marcado pela leitura que Lacan fez de Saussure e considerando as implicações que tal leitura pode trazer para a lingüística. Sendo assim, a seguir alinharemos questões relativas à ordem própria da língua a partir da hipótese do inconsciente.

I - A ESTRUTURA OU A INCLUSÃO DO TERCEIRO

“Para a Psicanálise, que se constitui na tematização da relação do sujeito com sua palavra, uma vez que a descoberta freudiana põe em relevo a atuação do jogo metaforonímico no inconsciente, **a estrutura se refere àquilo que coloca uma experiência para o sujeito que ela inclui.** Como aponta Lacan, é o inconsciente estruturado como uma linguagem, na medida que tem em comum com esta o jogo metaforonímico” (Leite, 1994:49, grifo nosso).

Saussure e Freud não estavam distantes de uma mesma concepção de língua, aquela que na virada do século instalou as bases do conceito de estrutura, tão caro à Lingüística quanto à Psicanálise. Freud já anunciava, no seu trabalho sobre as afasias em 1891³, a possibilidade de um aparelho de linguagem ligado ao aparelho psíquico; Saussure ministrou seu curso nos primeiros anos desse século. Havia uma contemporaneidade nessas descobertas, embora não houvesse, em Freud, uma preocupação com a língua como objeto.

Opera-se, então, a partir de Lacan, um entrelaçamento nessas elaborações acerca de uma estrutura da língua. A elaboração teórica de Saussure, que possibilitou o advento do Estruturalismo (ou o método estruturalista que se fundamenta na própria natureza simbólica do objeto), ofereceu a Lacan um caminho para restituir a Freud o seu lugar frente a uma concepção do funcionamento psíquico próprio do humano e que, segundo o psicanalista francês, não estava sendo reconhecido pelos pós-freudianos. Entretanto, esta leitura lacanianiana de Saussure leva as marcas de uma sobredeterminação causada pelos efeitos de uma leitura primeira de Freud. Lacan leu Saussure freudianamente, o que, pelas suas conseqüências teóricas, provocou uma diferença acerca do que pode ser visitado, a partir daí, tanto em Saussure como em Freud.

³ S. Freud. **O Inconsciente.** Obras Completas; Editora Imago Ltda, Vol. XIV pag. 217.

Procuramos aqui o movimento de um psicanalista, Lacan, ao fazer valer a radicalidade da teoria que o sustenta: a Psicanálise.

Em que esse movimento pode ser importante para a Lingüística? Lacan, como aponta Wahl (1968), opera uma subversão na noção de língua tal qual ela está estabelecida na Lingüística. Esse movimento, entretanto, foi sem a pretensão mesma de se fazer um teórico da Lingüística. Em suas palavras, no Seminário 20:

“Um dia percebi que era difícil não entrar na Lingüística a partir do momento em que o inconsciente estava descoberto. Daí fiz algo que me parece, para dizer a verdade, a única objeção que eu pudesse formular ao que vocês possam ter ouvido outra dia da boca de Jakobson, isto é, que tudo que é da linguagem dependeria da Lingüística, quer dizer, em último termo, do lingüista.(...)Mas se considerarmos tudo que, pela definição da linguagem, se segue quanto à fundação do sujeito, tão renovada, tão subvertida por Freud, que é lá que se garante tudo que de sua boca se afirmou sobre o inconsciente, então será preciso, para deixar a Jakobson seu domínio reservado, forjar alguma outra palavra. Chamarei a isto *lingüisteria*. (...) **Meu dizer de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem não é do campo da Lingüística.**” (Lacan, 1985, p.25, grifo nosso).

Que o movimento de Lacan tenha ancoragens numa teoria da linguagem, isso importa à Lingüística, mas só a partir do momento em que reconhecemos esta outra nomeação dada por este terceiro (Lacan o é aqui na série Freud, Saussure). Em outras palavras, não se trata de *repetir* a busca do pai (da Lingüística e da Psicanálise), engendrada por Lacan, mas de *recordar* um encontro que produziu conseqüências; afinal, Lacan não se contentaria em *repetir* e *recordar* tão somente, ele foi capaz de *elaborar*⁴ e então nomear: *lingüisteria*. Tal elaboração nos interessa então enquanto lingüistas pela articulação feita não no plano dos enunciados mas no plano dos efeitos, isto é, porque essa nomeação não é sem conseqüências para a Lingüística, justamente quando, para o par **língua e fala**, ele introduz um terceiro: **lalangue**⁵, que, como veremos, incide sobre o conceito de língua.

Devemos então nos aproximar de Milner (1978), obra fundamental na nossa reflexão e na qual encontramos uma definição de **lalangue** (entre tantas), que nos parece oportuna neste momento: “(...) c’est *lalangue*, autrement dit, ce par quoi, d’un seul et même mouvement, il y a de la langue (ou des êtres qualifiables de parlants, ce qui revient au même) et il y a de l’inconscient.”(*op. cit.*, p.26), ou “(...) par là, par l’incourtournable de son

⁴ Fizemos aqui uma referência ao texto freudiano de 1914: Recordar, repetir e elaborar (Vol.XII, p.163) em que recordar pode ser lido como trazer à lembrança fatos que se encontram *esquecidos*, mas que se relacionam diretamente com o seu sintoma; a repetição, por sua vez, sob as condições de resistência, substitui a recordação; a elaboração enfim deve ser feita, no trabalho analítico, sobre tal resistência, de forma que, num certo instante, no auge desta, o paciente possa se aperceber do poder dos impulsos instituais que as alimentam.

⁵ A palavra *lalangue*, como foi colocada por Lacan, refere-se à língua considerando o real que ela comporta e foi traduzida para o português como *alíngua*; entretanto, usaremos o termo tal qual foi postulado em francês: *lalangue*.

réal, il (Saussure) met la langue en excès, qu'on la prenne en elle-même ou dans sa représentation calculable: cette fonction d'excès, nous l'appelons lalangue.”(*op. cit.*, p.93).

Enfim, lalangue não substitui a língua, mas lhe confere um outro estatuto: o de não todo, já que à língua, algo falta⁶. Tudo não se diz. Quanto a esta hipótese, Benveniste respondeu a Lacan que à língua, enquanto sistema, nada falta, que ela é completa. Concordamos com ele, uma vez que a língua só comporta uma falta a partir da consideração de um sujeito falante, quando ela é articulada com a fala. Às duas definições de lalangue, acima citadas, vemos que a primeira estabelece entre língua e ser falante uma ligação imanente, e é disso que se trata aqui, da consideração de um sujeito incluso na estrutura mesma da língua.

A *falta* é condição para a fala que provoca, a partir do discurso do Outro⁷, novamente, a falta. O entrelaçamento entre a língua e a falta encontra em lalangue um lugar de emergência desse nó, um ponto onde o desejo vem corromper a ciência.

Quanto a esta proposição: à língua algo falta, Milner faz uma referência à relação sexual. Ou seja, dois sujeitos não podem se reunir, no sentido em que não são igualáveis, simetrizáveis um ao outro e, assim, uma conjunção produziria af um resto.

A relação sexual, por ser impossível (não se faz um todo, é sempre dividida), é empacotada de proibições; portanto, “aquilo que para o ser falante é lugar do impossível é também o lugar de uma proibição”.

Esta asserção está intimamente ligada ao fio desenvolvido por Lacan no Seminário 20, qual seja: a linguagem repete a relação sexual no que esta tem de impossível, a linguagem faz assim manifestar a sua insuficiência; mas o que é que Lacan nos apresenta em suplência à relação sexual? Justamente o amor (1985, p.62), aquele do qual Milner trata em “L’Amour de la Langue” (1978) que nós fizemos deslocar para a Lingüística assim traduzido: o amor da língua vem em suplência ao impossível da Lingüística. Essa barra que impede o acesso do significante ao significado, Lacan nos ensinou, abre pelo menos uma possibilidade: o amor.

Entretanto, para que se faça ciência, para que se busque um saber, ou melhor, para que se faça agir um saber, é preciso que a língua adquira, para o sujeito pesquisador, a consistência própria do imaginário, e a sua totalidade será af aquela de um fantasma. Como nos lembra Milner (1978),

“Le rapport du linguiste à sa propre langue est structurellement dédoublé. Il se tient au point où le pas-tout doit être projeté en tout. Il est donc toujours en passe d’imaginer un signifiant qui comblerait le manque de la langue et la ferait toute, disons un maitrè-mot.” (*op. cit.*, p.43, grifo nosso)

Sendo assim, no amor como na língua, enquanto esta é tratada pela lingüística, trata-se de não considerar a diferença, trabalhar na direção em que este discernível cesse de

⁶ Trata-se da falta que se reconhece no equívoco, ou seja, por um jogo que escapa ao sujeito: lapso, ato falho, ou chiste; um elemento poderá vir a se transformar em outro.

⁷ “(...)o Outro, rigorosamente falando, não é um sujeito mas um lugar: nesse lugar, há um saber, (...) há um desejo, uma falta.” Safouan (1970:86).

comparecer, fazer com que dois façam um, por um preenchimento fantasmático do que não pode ser unido, transformado em um só.

Este preenchimento fantasmático, responsável pelo amor e pela ciência, como dissemos acima, esse fantasma que faz agir um saber mas somente na condição de que a língua adquira consistência de imaginário, que é o registro do engodo e da identificação, de que se trata afinal?

O fantasma exerce uma função quase homeostática, o que podemos chamar de superfície fantasmática que é margeada pelo campo do simbólico e do imaginário, enquanto aquilo que recobre o campo do real. A sua função é a de tamponamento do real, que é, no caso, o indizível do sujeito. O fantasma protege o sujeito não só do horror do real, mas também dos efeitos de divisão, consequência da castração simbólica.

Trazemos de novo Milner (1978) que, em especial no capítulo “*As chicanas do todo*”, acusa a ciência em geral de ingênua, quando parece que esta desde sempre se propôs a dar conta de um todo, e critica também a metodologia no que diz respeito à sua proposta de construir um trabalho “redondinho”, ou de mostrar o todo através de fragmentos. Tal autor alerta para o fato de que apesar de os lingüistas terem escolhido os caminhos mais diversos e de essa diversidade gerar algumas vezes oposições virulentas, isso pouco importa; os lingüistas continuam, em nome da ciência, a buscar mostrar o todo. Entretanto, é através da escrita que se realiza a ciência e, portanto, instaura-se o que Milner chama de “a vã esperança de que as escritas se combinem e finalmente ganhem significações para algum sujeito universal ou para a humanidade.”

II - UM CERTO ESTRUTURALISMO, OU COMO SE ENGENDRA A ORDEM SIMBÓLICA.

“Digamo-lo francamente; quando nos interrogam acerca do Estruturalismo, não compreendemos, as mais das vezes, do que se quer falar.” (Wahl, 1968, p.13, Introdução da obra *O que é o Estruturalismo?*)

Veremos que a respeito do Estruturalismo não é possível falar de um único Estruturalismo. Não só porque essa suposta unidade se difrata em novas nuances de acordo com o que se vê no seu movimento histórico, ou na sua relação com diferentes objetos: língua, antropologia, história, psicanálise ou filosofia; como também porque tais articulações não bastam para diferenciar um Estruturalismo de um outro qualquer.

Ao ser articulado com a finalidade de produzir conhecimento sobre um determinado objeto, o Estruturalismo toma nuances diferentes. Mas também são diferentes as suas nuances de acordo com a época e o lugar em que é articulado, ou seja, o *stablishment acadêmico* tem a mais forte influência na forma como esta teoria do conhecimento pode ser articulada; em especial se lembrarmos que é comum, ao proceder a tal articulação acadêmica, propô-la na relação de contraposição teórica. Ao efetuar tal contraposição, pode-se perceber que uma ou outra característica é privilegiada, em relação a uma ou outra característica do movimento científico a que se contrapõe. Tal construção produz um resultado singular em que, para situá-lo, faz-se necessário recuperar as condições de

construção do conceito de estrutura em jogo. Sendo assim, um Chomsky (segundo alguns lingüistas) pode ser considerado um estruturalista; um Pêcheux, também, para falarmos dos teóricos contemporâneos da linguagem, embora não passe despercebida a diferença que se instala nas suas produções acerca da língua. Diferenças estas que resultam do viés que adotam para as suas articulações.

Em Saussure, o conceito de estrutura pôde ser depreendido da sua noção de sistema (de pura diferença), embora Saussure não enunciasse uma preocupação em elaborar um conceito de estrutura. Freud também não se preocupou com a questão da estrutura, mas propõe o *falo* como um elemento em torno do qual se dá uma certa estruturação, o que parece apontar para uma estrutura que, situada além do conteúdo manifesto, engloba-o ao mesmo tempo em que o explica. Para Lacan, enfim, a estrutura é o Édipo, que engendra uma relação entre Real, Simbólico e Imaginário, um *complexo* no sentido forte do termo. O Édipo, como afirma Lacan, passa do mito à estrutura.

O que permanece então do Estruturalismo, na produção de cada um deles, para que possamos reconhecê-lo como tal? Ou, repetindo aqui a pergunta de Gilles Deleuze: Em que se pode reconhecer o Estruturalismo?⁸

Não podemos deixar de considerar o conceito de estrutura nas várias acepções que esse termo pode ter. Uma estrutura pode ser considerada uma organização simplesmente; mas também podemos considerá-la um modelo teórico. Não é, estritamente, de nenhuma dessas acepções de estrutura que trataremos aqui.

Iniciaremos colocando a diferença enunciada por Miller⁹, entre o estruturante e o estruturado. Para esse autor, o estruturado seria um plano atual, no qual a estrutura se ofereceria a um observador e que constitui o seu estado, e o estruturante, uma dimensão virtual, a partir da qual todos os seus estados são susceptíveis de serem deduzidos. Evidentemente, uma acepção de estrutura como essa não é do mesmo teor da noção de estrutura que serve de modelo teórico para abarcar a realidade. Na primeira acepção, a estrutura produz a realidade; na segunda, a estrutura a representa.

Para Deleuze só há estrutura daquilo que é linguagem. O próprio inconsciente só é estrutura na medida em que o que ele fala é linguagem. As próprias coisas só têm estrutura na medida em que mantêm um discurso silencioso. Para que se reconheça o Estruturalismo, Deleuze estabeleceu sete critérios.

O primeiro critério é a descoberta e o reconhecimento de uma terceira ordem, a do simbólico. A posição do simbólico é irredutível ao real, bem como ao imaginário.

O segundo critério para se reconhecer o Estruturalismo é a topologia, ou seja, os locais, num espaço puramente estrutural, são primeiros relativamente às coisas e aos seres reais que vêm ocupá-los.

O terceiro critério é reconhecer que os elementos em si não têm nenhum valor determinado e que, entretanto, se determinam reciprocamente na relação que é puramente diferencial, dependendo assim fundamentalmente dos lugares que ocupam. Embora esses elementos não tenham nem existência, nem valor, nem significação, é esse

⁸ Gilles Deleuze. *Em que se Pode Reconhecer o Estruturalismo?* In: *O Século XX*; Zahar Editores; Rio de Janeiro.

⁹ In: *Matemas I*, 1996.

processo, de uma determinação recíproca no interior da relação, que nos permite definir a natureza simbólica.

A diferenciação constitui o quarto critério. A estrutura é diferencial em si mesma, mas também diferencial nos seus efeitos. O que é que coexiste na estrutura? Todos os elementos, as relações e valores de relações, todas as singularidades próprias ao domínio considerado. Semelhante coexistência não implica nenhuma confusão, nenhuma indeterminação: são relações e elementos diferenciais que coexistem num todo, perfeita e completamente determinado. Entretanto, este todo não se atualiza como tal. O que se atualizam aqui e agora, são tais relações, tal repartição de singularidades; outras atualizam-se alhures ou em outros momentos. Não há língua total¹⁰ encarnando todos os fonemas e relações fonéticas possíveis.

O quinto critério levantado por Deleuze é o serial. A organização das séries constitutivas de uma estrutura supõe uma verdadeira encenação, e exige, em cada caso, avaliações e interpretações precisas. Não há, absolutamente, regra geral. Desse modo, a determinação de uma estrutura não se faria tão somente pela escolha dos elementos simbólicos de base e das relações que eles entretêm entre si, nem pela repartição dos pontos singulares que lhes correspondem, mas pela constituição de uma segunda série que mantém relações complexas com a primeira. Esse funcionamento é exemplarmente mostrado por Lacan¹¹, em um de seus seminários mais célebres, *A Carta Roubada*, em que faz uso do romance de Edgar Allan Poe. A elaboração lacaniana nos mostra, nesse seminário, como a “estrutura” põe em cena duas séries cujos lugares são ocupados por sujeitos variáveis¹².

O sexto critério é denominado a *casa vazia*. Esta casa vazia pode ser representada pelo lugar da *Carta Roubada* nas séries referidas acima. É a carta que provoca o movimento das duas séries que compõem uma estrutura. Um objeto cuja natureza consiste em estar sempre deslocado em relação a si mesmo e que tem a propriedade de nunca estar onde é procurado. Os jogos têm necessidade de uma casa vazia, sem o que nada avançaria nem funcionaria. Enfim, esse lugar, essa casa vazia, está diretamente vinculada ao que Lacan chama de *significante falo*, o falo simbólico que determina o lugar relativo dos elementos e o valor variável das relações.

O último dos critérios é relativo ao sujeito e a sua prática. O sujeito é aqui, precisamente, a instância que segue o lugar vazio, ou, como diz Lacan, ele é menos sujeito que assujeitado - assujeitado à casa vazia, assujeitado ao falo e aos seus deslocamentos. O Estruturalismo não é, nessa concepção, um pensamento que suprime o sujeito, mas um pensamento que o esmigalha e o distribui sistematicamente, que contesta a identidade do sujeito, que o dissipa e o faz passar de um lugar a outro, sujeito

¹⁰ Entenda-se por língua total uma determinada língua que possa atualizar-se na evidência de todos os seus elementos.

¹¹ Jacques Lacan. “O Seminário sobre A Carta Roubada”. In: *Escritos*, São Paulo Editora Perspectiva, 1988 p.17-67.

¹² Primeira série: rei que não vê a carta, rainha que se alegra por tê-la tanto melhor ocultado quando a deixou em evidência, ministro que vê tudo e que toma a carta; segunda série: polícia que nada encontra na casa do ministro, ministro que se alegra por tanto melhor ter ocultado a carta quanto a deixou em evidência, Dupin que tudo vê e que retoma a carta.

sempre nômade, fato de individualizações, mas impessoais, ou de singularidades, mas pré-individuais. Esse sujeito que acompanha a casa vazia sem ocupá-la nem abandoná-la, este ponto de mutação, define precisamente uma *práxis* ou, antes, o próprio lugar em que deve instalar-se a *práxis*. Porque o Estruturalismo não é somente inseparável das obras que cria, mas também de uma prática relativamente aos produtos que interpreta. Seja esta prática terapêutica ou política, ela designa um ponto de revolução permanente, ou de transferência constante.

Desde que enunciamos o primeiro critério apontado por Deleuze para se reconhecer o Estruturalismo, acompanhou-nos uma pergunta que aqui tem toda a sua importância: *Em que consiste esse simbólico?*

Ainda guiados por Deleuze, podemos dizer inicialmente que o simbólico entretém com o imaginário uma fronteira em que o imaginário tende a refletir e a reagrupar sobre cada termo o efeito total de um mecanismo de conjunto; ao passo que a estrutura simbólica assegura a diferenciação, ou seja, o imaginário desdobra e reflete, projeta e identifica, perde-se em jogos de espelhos, e as distinções que faz, como as assimilações que opera, são efeitos de superfície que ocultam os mecanismos diferenciais de um pensamento simbólico.

O Estruturalismo tal como o vimos, guiados por Deleuze, e que tem um forte vínculo com o que sustenta a teoria lacaniana, parece introduzir a medida mesma do nosso empreendimento. Isto é, falamos de um lugar que considera a questão da língua indissociável da questão do sujeito. O sujeito de que se fala também merece ser aqui minimamente qualificado. Não se trata do social, tampouco do psicológico ou biológico, trata-se aqui do sujeito do desejo¹³.

Aqui, como se vê, os conceitos de língua, sujeito e Estruturalismo têm uma peculiaridade; entretanto, não podem garantir a especificidade de uma articulação sem conseqüências para a noção de ciência. A conseqüência de tal articulação parece trazer uma possibilidade para repensar o conceito de ciência, em contraposição ao que se sustenta das formulações hegelianas ou cartesianas acerca do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

(...) todas as proposições da teoria lacaniana supõem a equação de sujeitos, pois supõem concluído o movimento de reflexão sobre uma práxis. (Milner, 1996, A Obra Clara, p.29)

Na introdução do Seminário 11 de Lacan, sob o título de *excomunhão*, o autor faz uma reflexão acerca da pesquisa dita científica, e define a *práxis* (p.14) como o termo mais amplo para designar uma ação realizada pelo homem, qualquer que ela seja, de

¹³ "Ora, o desejo do sujeito falante é o desejo do Outro. Se se constitui a partir dele, é uma falta articulada na palavra e é a linguagem que o sujeito não poderia ignorar, sem prejuízos. Como tal, é a margem que separa, devido à linguagem, o sujeito de um objeto supostamente perdido. Esse objeto *a* é a causa do desejo e o suporte do fantasma do sujeito." R. Chemama (Dicionário de Psicanálise. Artes Médicas, 1995).

tratar o real pelo simbólico. É nessa práxis, tal como Lacan a definiu, que pretendemos inserir o nosso trabalho cuja ética pretendemos que se sustente a partir daí.

Acochado pela sua própria definição, ou pelo próprio lugar em que se inscrevia, o lugar acadêmico, lugar da ciência, este trabalho pretendeu pôr em questão o *fazer científico*, tarefa reconhecidamente difícil há muito tempo, mas necessária quando se trata de trabalhar com a dita pesquisa científica e, nesse caso, sem renunciar à ética do desejo.

Fundamentalmente, procuramos colocar um certo conceito de língua e, a partir daí, anunciar a problematização do conceito de ciência, tal problematização resultaria na seguinte questão: como uma teoria da língua, sendo conseqüente com a teoria do inconsciente, pode afetar uma teoria da ciência? Dessa forma, o trabalho se encaminhou em direção a uma demanda acadêmica, no sentido de que esta solicita determinado método de elaboração. Entretanto, o trabalho resulta realmente de uma práxis, ou seja, de uma experiência de tratar o real pelo simbólico e, nas palavras de Lacan, “Que nisto ele encontre menos ou mais imaginário tem aqui valor apenas secundário.”

Os limites deste trabalho foram estabelecidos pelo compromisso de desenhar as questões relativas a ordem própria da língua e suas implicações na Lingüística. O objetivo era formulá-las adequadamente sem, no entanto, esperar que, ao fim do esforço de formulação, restasse uma resposta. A resposta aqui, se fosse possível enunciá-la no momento, diria respeito a um lugar e não a um conceito. Lugar, na lingüística, capaz de sustentar alguma elaboração sobre a língua, mesmo que no plano de uma questão; parece-nos possível indicar que esse lugar diz respeito a uma ética que considere esse real que comparece como enigma, que não pára de não se escrever e convoca a produzir significações.

Este lugar, na lingüística, talvez não seja possível, uma vez que se trata de uma ciência cuja escrita adquire consistência no imaginário. Contudo, o que é da ordem da impossibilidade não é da ordem do fracasso. A empreitada científica da lingüística, reconhecidamente, não tem sido reputada ao fracasso; entretanto, o real, razão de mal estar, já que não se escreve e não cessa de insistir, adquirindo nuances de um desejo inconfesso, insiste na lingüística comparecendo como um sintoma.

O sintoma é a expressão de realização de desejo e a realização de um fantasma inconsciente; fantasma esse que é ao mesmo tempo efeito do desejo arcaico inconsciente e matriz dos desejos atuais conscientes e inconscientes. Assim, a lingüística, enquanto trata de um objeto que é tecido de desejo; a língua, não pára de atender a essa demanda resultante de um recalçamento: o real da língua. A língua não se livra do real, quanto à lingüística, feita ciência, opera num funcionamento imaginário e simbólico e o real estaria encoberto por esse fantasma inconsciente, responsável pela obturação do real.

Esse funcionamento fantasmático é o que Milner nomeia o “amor da língua”, necessário para que a língua adquira para o sujeito pesquisador a consistência própria do imaginário.

O sintoma que serve para realizar tal desejo arcaico e inconsciente é, assim, o retorno de uma satisfação há muito tempo recalçada, mas também é a formação de um compromisso, à medida que nele igualmente se exprime o recalçamento. Por meio desse compromisso, meio pelo qual o recalçado irrompe na consciência, a ação da defesa

permanece paradoxalmente compatível com a satisfação, como um modo desviado do desejo inconsciente, compromisso esse ao qual geralmente chega toda a produção do inconsciente (sonho, lapso ou ato falho).

Antes de mais nada, o sintoma é o efeito do simbólico no real¹⁴ e, assim, diferente de uma práxis cuja proposta é tratar o real pelo simbólico; é nesse lugar que se instala a tensão entre psicanálise e lingüística. A primeira se ocupa de tratar o real, que resiste à simbolização mas não deixa de comparecer, justamente pelo simbólico; sendo assim, o real da língua mereceria ser tratado pela teoria psicanalítica. A segunda, a lingüística, tem seu funcionamento marcado por uma operação de recalçamento desse real, a fim de que o imaginário, condição da ciência, adquira consistência.

No entanto, é de desejo o tecido da língua. Um desejo que da mesma ordem que o sexual, é inconfessável socialmente; que da mesma ordem das pulsões, é responsável pelo mal estar na civilização e, não obstante, desliza pelos significantes metonimicamente, incessantemente, atestando que ao sujeito acossa uma falta estrutural que lhe permite seguir adiante buscando o que a linguagem, ao constitui-lo usurpou-lhe: o acesso ao objeto perdido de uma satisfação mítica.

Esse funcionamento tem outra especificidade que o gramatical, que o ideológico, que o social. A Lingüística, almejamos tê-lo indicado até aqui, tem aberta a possibilidade de diálogo com a Psicanálise pelo que essa permite depreender do funcionamento da língua a partir da importância dada a palavra desde as elaborações freudianas.

Entretanto, não se pode deixar de perceber que, se há essa possibilidade de diálogo, também é de se esperar que ele seja minimamente tenso. Porque, se por um lado a língua é uma questão para ambas; por outro lado, essa questão não se dá da mesma forma. A lingüística, capaz que foi de postular uma ordem própria da língua, só pode operar sobre essa ordem excluindo o sujeito que comporta o real. A psicanálise, entretanto, opera nessa relação com o real, no ponto que escapa ao calculável. Na língua, a exclusão desse ponto que desestabiliza o discurso é condição para a ciência lingüística, tal como a lingüística se estabeleceu; no entanto, esse ponto, que gera o equívoco, o ato falho, o chiste, os sonhos é justamente o tesouro da psicanálise, é onde se sustenta a sua teoria e a sua prática.

A relação entre lingüística e psicanálise estaria marcada senão por uma tensão, por uma impossibilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHEMAMA, Roland. **Dicionário de Psicanálise**. trad. Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

DELEUZE, Gilles. "Em que se Pode Reconhecer o Estruturalismo?". In: **O Século XX**; Zahar, Rio de Janeiro - RJ.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

¹⁴ R. Chemama, *op.cit.*

- LACAN, Jacques. **O Seminário - livro 20. Mais ainda.** Zahar, Rio de Janeiro, 1985.
- _____. **O Seminário - livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise.** Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979.
- _____. **O Seminário - livro 17. O avesso da Psicanálise.** Zahar, Rio de Janeiro, 1992.
- _____. "O Seminário sobre A Carta Roubada" **Escritos.** São Paulo, Editora Perspectiva, 1988. p.17-67.
- LEITE, Nina. **Psicanálise e Análise do Discurso - O Acontecimento na Estrutura.** Editora Campo Matémico, Rio de Janeiro, 1994.
- MILLER, Jacques-Alain. **Matemas I.** trad. Sérgio Laia. Zahar, Rio de Janeiro, 1996.
- MILNER, Jean Claude. "**L'Amour de la Langue**". Éditions du Seuil, Paris, 1978.
- _____. **A Obra Clara.** Zahar, Rio de Janeiro, 1996.
- PÊCHEUX, Michel. "Análise Automática do Discurso (AAD 69)". In: **Por uma Análise Automática do Discurso.** Gadet, F. & Hak, T. (orgs); Tradutores Bethania S.Mariani...[et al.]; Campinas: Ed.da Unicamp, 1990.
- SAFOUAN, Moustafá. **Estruturalismo e Psicanálise.** Cultrix, São Paulo, 1970.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** Cultrix, São Paulo, 1973.
- WAHL, François. **Estruturalismo e Filosofia.** Cultrix, São Paulo, 1968.